

MASSAO OKINAKA

SOBRE O SUMI-Ê NA CULTURA JAPONESA

A pintura originou-se como registro da natureza e dos fenômenos da vida cotidiana, tanto entre os povos do Ocidente como entre os do Oriente, mas foi no desenrolar-se da Arte no Ocidente que ela tomou a forma da cópia do real.

Até o século passado se fazia o culto à cópia do real, no Ocidente. Entretanto, esse processo de perseguição do real teve como consequência quase que uma situação paradoxal da existência simultânea de 2 objetos reais.

A Arte no Oriente que começou igualmente da cópia do real foi, aos poucos, ultrapassando esse processo e evoluiu no sentido de atribuir um significado ao conteúdo – além da semelhança formal – o que resultou numa grande defasagem entre a cópia do real, realizada no Ocidente, e a procura pelo significado, proposta pela arte oriental. Assim, pode-se dizer que a Arte, no Ocidente, ficou limitada pela cópia do real e no Oriente pela perseguição do conteúdo.

A mudança do pintar o real como ele é – cópia do real – para o pintar como se vê – impressionismo – e, depois, para o pintar como se sente – modernismo – da cópia do real à cópia do conteúdo, pode ser também lida como a conversão do objetivismo ao subjetivismo. Esta é, portanto, a contribuição maior da Arte do Japão à Arte do Ocidente.

Portanto, penso, que a atenção que o Sumi-ê tem merecido dos artistas ocidentais explica-se pelo fato do sumi-ê constituir-se na corrente principal da pintura japonesa.

Embora a vida e o ambiente humano sejam complexos e polimórficos e os costumes e os sentimentos étnicos sejam variados, pode-se afirmar, quase categoricamente, que os desejos humanos possam ser rigorosamente iguais.

Ou seja,
SEI, vida infinita
JUN, vida prazerosa
SO, desejo de liberdade
GA, sentimentos refinados

Assim, a prática da pintura possibilita a compreensão das providências da natureza e o amor à natureza permite sentir a sua beleza expressa nos seres vivos, o que suscita a paixão pelas artes.

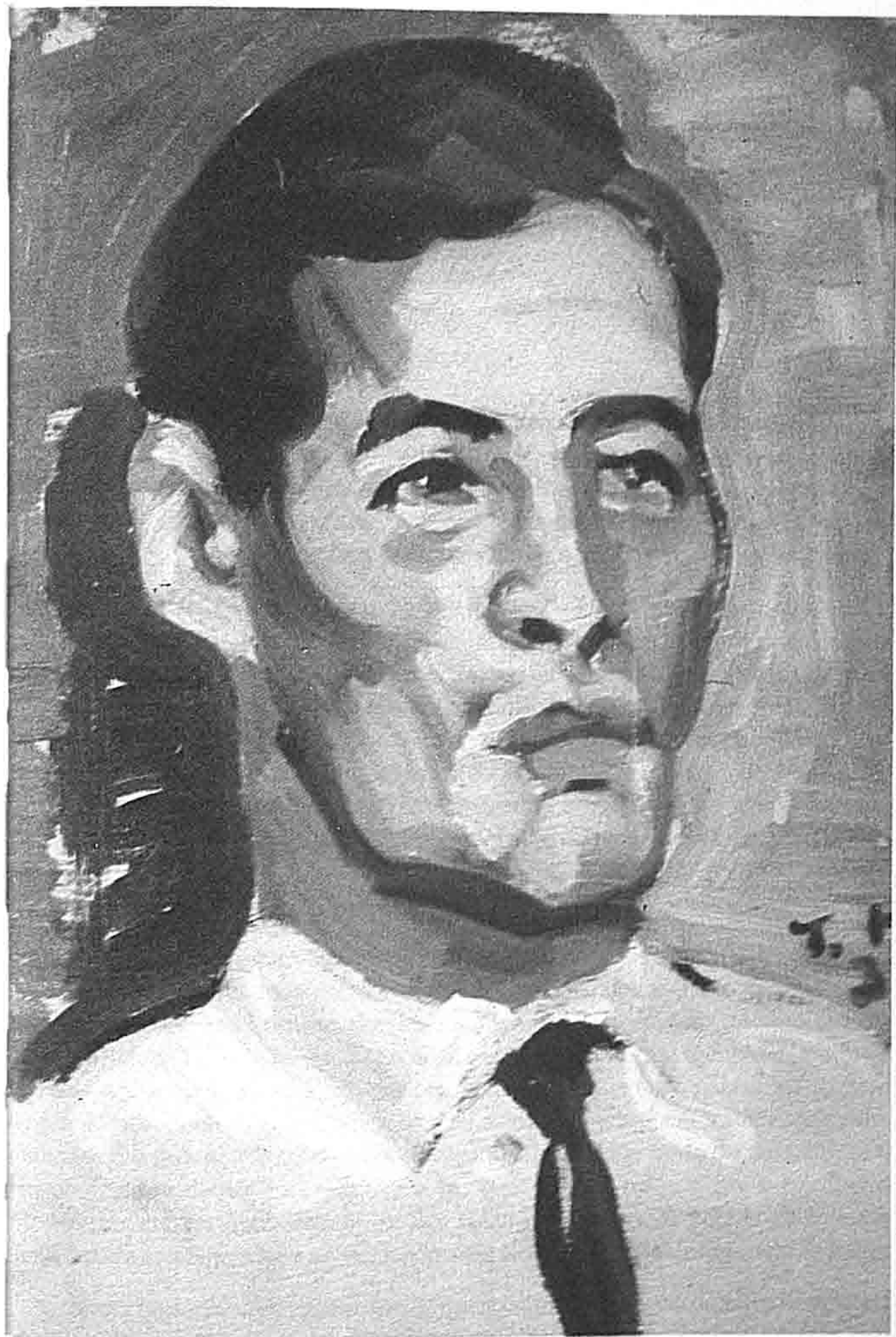
Portanto,

“Sumi-ê é a arte do Fogo e da Água,
Sumi é micropartícula procurada pelos antigos,
Ela foi preparada pela reunião de fumaças,
que emanam de vários pequenos fogareiros,
Esse Sumi flutua sobre águas límpidas,
e vai se difundindo pelo infinito.
Mas também se transforma em neblina,
em nuvem,
que buscam o céu.
Sumi embebe o papel, se espalha e rasga,
Sobre o papel, Sumi corre, pára e baila,
É a sombra do espírito que resfolega.”

Para mim, portanto, divulgar a tradição da cultura japonesa neste país, pleno de cultura ocidental, é uma tarefa gratificante e, para minha felicidade, venho me dedicando há 40 anos na difusão do Sumi-ê – uma cultura tradicional antiga do Japão – desde a época da criação de um curso específico dessa arte na Aliança Cultural Brasil-Japão.

Este ano corresponde ao centenário da celebração do Tratado de Amizade entre Brasil e Japão e estão programados numerosos eventos comemorativos.

Formulo votos, assim, para que se intensifique o intercâmbio cultural entre os dois países e, através do intercâmbio Brasil-Japão, espero criar o paraíso universal.



Tomoo Handa. *Retrato de Walter Shigeto Tanaka*. 1934. 1941. Col. artista.
Foto: Ciça.